REVISTA ORDEM PÚBLICA **ISSN 1984-1809**
V. 2 Nº 2, 2009 out./nov./dez.2009
ACORS http://www.acors.org.br/rop/index.php?pg=revista

TERRITORIALIZAÇÃO PERVERSA DO CRIME VIOLENTO CONTRA A VIDA EM ITABUNA – BAHIA, SUA RELAÇÃO COM FATORES DE CARÊNCIA SOCIAL E TRÁFICO DE DROGAS

ROBERTO JOSÉ DA SILVA[1]
VERA LUCIA ALVES FRANÇA[2]

RESUMO

O presente trabalho fundamentado numa perspectiva geográfica teve como escopo a análise da dinâmica espacial da criminalidade violenta contra a vida, em Itabuna – Bahia, no período de 2003 a 2007, sua relação com fatores de carência social e tráfico de drogas. Buscou-se ainda analisar a influência desse tipo de criminalidade na organização do espaço. Na fase da pesquisa aplicada, foram utilizados dados estatísticos secundários, de categoria documental, fornecidos pelo Centro Integrado de Estatística da Polícia Civil, além de pesquisas em inquéritos, bem como informações do IBGE e outras instituições que tratam sobre o tema proposto. A análise da relação do crime letal contra a vida com os indicadores sociais mostra que as vítimas e os autores têm baixos índices de qualidade de vida e uma alarmante situação de exclusão social de quem vive em áreas carentes, bem como, há uma forte relação de parte desses atores com o narcotráfico.

Palavras-chave: Criminalidade violenta, tráfico de drogas, exclusão socioespacial, organização do espaço.

ABSTRACT

This work based on the geographic scope was to the analysis of spatial dynamics of violent crime against life in Itabuna - Bahia, from 2003 to 2007, the related factors of social deprivation and drug trafficking. We sought to further analyze the influence of this type of crime in the organization of space. In the applied research, we used statistical side, the documentary category, provided by the Integrated Statistical Service of Civil Police, in addition to research surveys and information from IBGE and other institutions that deal with

[1] Graduado em Geografia e Especialista em Planejamento de Cidades pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: robertogeografo@gmail.com /Policial Civil da Bahia, desde 1998, onde exerce a função de Escrivão de Polícia.
[2] Professora do NPGEO (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a mesma participou desde trabalho na condição de orientadora da Dissertação de Mestrado do autor.

the theme. The analysis of the lethal crime against life to the social indicators show that the victims and the perpetrators have low quality of life and an alarming situation of social exclusion of those living in deprived areas and there is a strong relationship of these actors with drug trafficking.

Keywords: violent crime, drug trafficking, sociospatial exclusion, organization of space.

INTRODUÇÃO

A história da formação dos arranjos espaciais da humanidade e de suas territorialidades é recheada de relatos dos mais diversos tipos de violência do homem contra o homem, normalmente em guerras travadas, desde o período em que o homem passou a habitar em cavernas e as batalhas por espaços evoluíram também juntamente com a humanidade. Na história contemporânea vivenciaram-se diversas guerras cujos objetivos foram à expansão das fronteiras territoriais. A atualidade traz consigo conflitos, das mais diversas origens, principalmente nas grandes regiões metropolitanas, que vem ceifando mais vidas que nas guerras declaradas.

A violência criminal e o medo combinam-se levando a processos de mudanças dos espaços das cidades ditando bairros e/ou áreas serão valorizados, pelo quesito segurança, ainda que seja uma falsa sensação, porque a violência é dinâmica, assumindo características diferenciadas em cada espaço. Nos centros ou bairros de classes média a média alta toma vulto a criminalidade contra o patrimônio enquanto nas áreas periféricas se destaca o crime violento contra a pessoa , assim como em áreas rurais têm-se outro tipo de criminalidade, normalmente contra a pessoa, cuja motivação percentualmente é bem diferente que no espaço urbano. Dessa forma, em razão do medo generalizado de ser vitimizado pela criminalidade violenta, surgem espaços valorizados e desvalorizados com os seus enclaves fortificados dos mais variados tipos.

A análise da criminalidade violenta, enquanto fenômeno da ecologia social permite verificar que, na prática, não depende apenas do indivíduo, mas também da forma como ele está inserido no contexto socioespacial. Do mesmo modo, as diversas formas de violência configuram sua explicação nas situações sociais, políticas, econômicas que o país atravessa e até em patologias individuais. Então, é importante esclarecer que a exclusão social não gera violência criminal, pois o contrário seria afirmar que os pobres são violentos, mas, há forte relação entre exclusão social, densidade urbana e violência.

Assim sendo, as questões que nortearam este trabalho foram: qual o aspecto e dinâmica do fenômeno da criminalidade violenta contra a vida em Itabuna, no período de 2003 – 2007? Como esse fenômeno se apropria e é apropriado pelo espaço? Existe relação entre fatores de exclusão social e a criminalidade violenta? Existe relação entre o tráfico de drogas no varejo e os crimes violentos contra a vida, com reflexos sobre a organização do espaço?

I. CARACTERIZAÇÃO DE ITABUNA

O município de Itabuna, segundo classificação territorial geográfica do IBGE, localiza-se na microrregião homogênea denominada Itabuna – Ilhéus, que por sua vez encontra-se inserida na macro-região denominada Sul Baiana, entre a Microrregião de Valença e de Porto Seguro no Extremo Sul do Estado. O referido município dista de Salvador 429 quilômetros e tem como latitude sul (39° 17' 36") e longitude oeste (14° 47' 21").

Figura 01: Mapa de localização de Itabuna.
Fonte IBGE (1999)
Elaboração: Silva, R. J.

A história do povoamento de Itabuna começou nas das margens do Rio Cachoeira, as quais eram utilizadas como passagem de tropeiros que se dirigiam para Vitória da Conquista levando produtos e especiarias para serem comercializados naquela cidade. Surgindo então um lugarejo chamado Burundanga, posteriormente denominado Arraial de Tabocas em 1857 (SILVEIRA, 2002), onde as fazendas de cacau que começavam a dar os primeiros frutos. Dessa forma o crescimento de Tabocas, foi ampliado pelo contingente de sergipanos trazidos

por Firmino Alves, este considerado fundador de Itabuna, mas também de pessoas de diversas regiões do sertão baiano, bem como do Oriente Médio (ANDRADE e ROCHA, 2005).

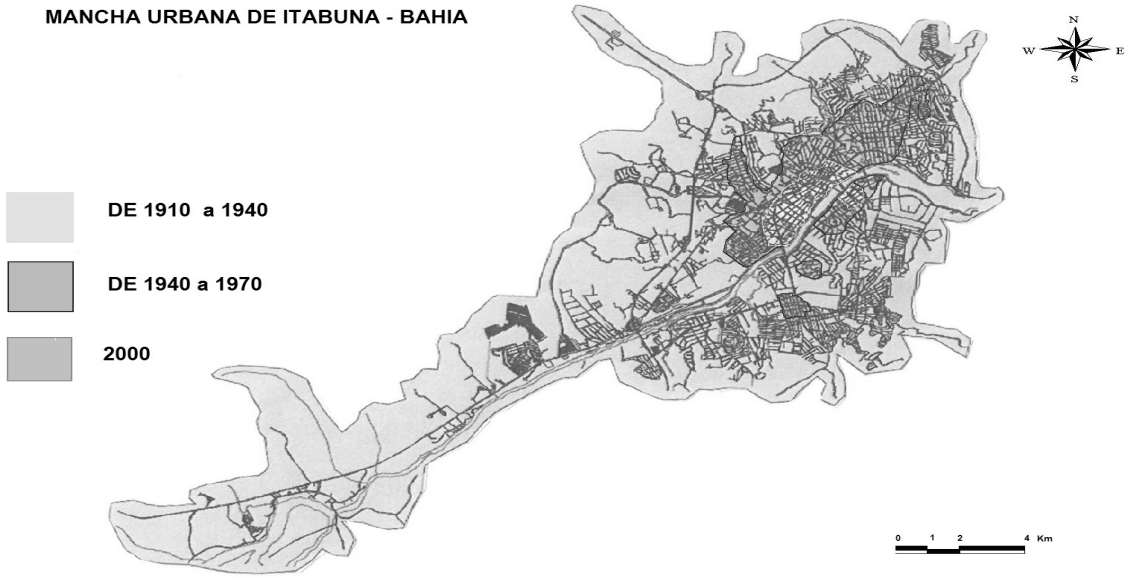

Figura 02: Itabuna: Mancha Urbana.
Fonte ANDRADE, M.P.; ROCHA, L.B. (2005)
Adaptação: Silva, R. J.

Seu crescimento ocorreu de forma mais acelerada entre as décadas de 1910 a 1990, a partir do centro irradiando para a periferia, acontecendo de forma desordenada, trazendo uma série de problemas urbanos, gerando uma demanda muito grande de equipamentos urbanos (asfaltamento, iluminação pública, esgotamento sanitário etc), também por serviços (saúde, educação) e por empregos, principalmente para trabalhadores rurais que perderam seu emprego nas fazendas da região, a partir da década de 1980, com o surgimento da "vassoura-de-bruxa".

Andrade e Rocha (2005) afirmam que o período entre a década de 30 e 80, foi o mais importante da lavoura cacaueira, um tempo de conquista da terra, cultivo, colheita, comercialização e exportação do cacau, de muita riqueza e muitas distorções sociais, tempo em que a região foi conhecida como "pobre região rica", período áureo da Região do Cacau. Essa expressão significa que, apesar da riqueza, campeava as distorções sociais, a miséria do trabalhador rural.

Figura 03: Vista aérea de Itabuna.
Foto: Carlos Maia.

Por décadas, de economia predominantemente agrária focada na produção cacaueira, o município de Itabuna busca fontes alternativas de produção na diversificação de culturas, tendo também vocação natural para fornecimento de serviços, o que faz de Itabuna um pólo regional com uma grande rede de hiterlandia na região, hoje é um importante entreposto comercial da região sul baiana e fornecedor de serviços diversos, especializado de saúde e educacional, contanto com diversas escolas e faculdades, atraindo gente de toda região sul e oeste da Bahia, inclusive do norte de Minas Gerais.

II. EXCLUSÃO SOCIOESPACIAL E VIOLÊNCIA CRIMINAL

O tema exclusão social é atual e vem sendo utilizado nas mais variadas áreas do conhecimento, mas, nem sempre, com sentido muito preciso ou definido. Assim, exclusão social pode ser encarada como um processo histórico caracterizado pelo recalcamento de grupos sociais ou pessoas, em todas as instâncias da vida social, com profundo impacto na pessoa humana e na sua individualidade. Nesse sentido, descreve Demo (1998) que a noção de exclusão está diretamente relacionada à crise de conexão social. Assim, com respeito à temática das desigualdades, essa noção ultrapassa dando-lhe um sentido novo, fundado não sobre a oposição de interesse entre grupos sociais e a luta pelo reconhecimento social, mas, acima de tudo, sobre a fraqueza, a ausência de reivindicações organizadas e de movimentos suscetíveis de reforçar a coesão identitária.

Seguindo uma proposta atrelada ao processo de marginalização o francês Castel (2001), define exclusão social como um percurso, no qual há sucessivas rupturas do indivíduo com a sociedade, sendo sua fase extrema não só a ruptura com o mercado de trabalho, mas, também, por rupturas familiares, afetivas e de amizades.

Assim, para Demo (1998) pode haver pobreza sem exclusão social. Isto é o que se pode observar em periferias e até mesmo em favelas das grandes metrópoles brasileiras, em que seus moradores encontram-se integrados numa rede de relações de grupo ou de comunidade, bem organizados. Dessa forma, entende-se que pobreza e exclusão social são realidades distintas e que nem sempre coexistem.

Para Martins (1997), o conceito de exclusão está atrelado ao de pobreza, pois não existe exclusão, o que existe, são contradições, resultando em grupos vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; conflitos pelo qual a vítima desses processos proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva.

A segregação socioespacial, na ótica de Ramos (2002), somente pode ser explicada a partir do estudo das relações de produção e da estrutura das classes sociais, sendo resultado das relações sociais capitalistas ao produzir o acesso ou a apropriação desigual aos meios de produção, circulação e troca da riqueza social. Então, fica evidente que os poucos que detêm esses meios apropriam-se do valor agregado pelo trabalho dos outros. Conseqüentemente, é, também, desigual o acesso aos equipamentos e serviços coletivos.

Para Souza (2005), dois grandes problemas associados às grandes cidades: o da pobreza e o da segregação residencial. A pobreza, obviamente nada parece ter de típica ou especificamente urbano, pois se sabe que em países em desenvolvimento, como o Brasil, quase sempre a pobreza é maior no campo que na cidade. Contudo, a pobreza urbana se reveste de peculiaridades, tanto por suas formas de expressão espacial (favelas, periferias, pobres, áreas de obsolescência), quanto por suas estratégias de sobrevivência, legais e ilegais, que a ela vinculam, como por exemplo, do comércio ambulante ao trafico de drogas no varejo.

As carências sociais definitivamente criam o ambiente propício à emergência de padrões inconformistas de comportamento, de manifestações violentas de insatisfação e de transgressões criminais (Abranches, 1994). Mas, essas carências não explicam o crime, nem a violência. Estes também ocorrem em ambientes em que predominam baixas taxas de desigualdade e de nenhuma pobreza. Entretanto, é certo, que o sentimento de privação relativa

explica mais esses desvios do que o volume absoluto de pobreza, ou seja, a associação entre pobreza e de desigualdade mostra maior correlação efetiva com violência e crime.

A violência tem se concentrado nas áreas urbanas, sendo os homicídios dolosos um indicador máximo de violência na sociedade contemporânea, estando diretamente relacionados à questão social, afirma Waiselfisz (2002). Sua prática não só depende do indivíduo, como das diversas formas e relações da "ecologia social". Não são produtos isolados, configuram "tendências" que encontram sua explicação nas situações sociais contemporâneas. Nesse sentido, é importante acrescentar que não se deve confundir a questão da pobreza e das carências sociais com o problema mais geral da ausência de normas válidas, característicos das situações de anomia e alienação.

Diversos autores analisam o fenômeno homicídio e sua relação com fatores de carência social e de pobreza, dentre eles destacam-se posições diferenciadas e/ou complementares, como se observa abaixo:

Quadro 1 - Fenômeno homicídio doloso e sua relação com fatores de carência/pobreza

COHEN, J. et al (1998)	- Regiões onde há pobreza e desemprego são as que concentram altos índices de homicídios e sua relação às drogas ilícitas.
WILLIAMS, K. R. e FLEWELLING, R.L. 1988	- A falta de recursos básicos, a desintegração social (relacionada à família) e densidade populacional relacionam-se positivamente, nos índices de homicídio.
PARKER, R.N. (1989)	- Há relação entre pobreza, homicídios e densidade populacional; - A cultura da violência é uma conseqüência da pobreza.
PAIXÃO, A.L. (1995)	- Os crimes se concentram onde há mais pessoas e que os criminosos geralmente agem próximo ao local onde residem.
CANO, I. e SANTOS, N. (2001)	- A densidade populacional, muitas vezes associada à densidade da pobreza e à desvantagem social, faz com que as taxas de violência se concentrem nessas áreas urbanas.
COELHO, E.C. (1978)	- A pobreza em si não gera a criminalidade, mas a densidade da pobreza ao permitir a elaboração da cultura da violência; - Os delinqüentes são recrutados entre grupos de trabalhadores urbanos de baixa renda.
SILVA, K.A. (2006)	- Existe concentração dos crimes de homicídios em regiões de desvantagem social; - A desigualdade social é fator de grande influência da criminalidade como um todo.

Elaboração: SILVA, R, J.

Dessa forma, fica evidente a estreita relação entre fenômeno crime violento letal contra a vida com fatores de exclusão social e densidade demográfica, isto é, sua concentração em áreas urbanas desprovidas, muitas vezes, da presença do "Estado", com equipamentos e objetos urbanos (asfaltamento, iluminação pública eficiente, quadras poliesportivas, escolas públicas), bem como com estímulos ao emprego e renda.

Nesse sentido, avalia Souza (2000) que o tráfico de drogas e a criminalidade urbana violenta não são sinônimos, pois nem o tráfico precisa sempre e em todas as instâncias da violência, nem a criminalidade violenta naturalmente se reduz aos crimes vinculados com o tráfico. A dinâmica da violência urbana passou, nas últimas duas décadas, a estar fortemente marcada pelos efeitos diretos (guerras entre quadrilhas e entre estas e a polícia, balas perdidas) e indiretos (empréstimo de armamento de traficantes para criminosos comuns, delitos praticados por viciados etc.) do tráfico de tóxicos.

A associação entre processos rápidos de crescimento do espaço habitado e o incremento nas taxas de criminalidade violenta encontra um forte apoio nas teorias sociológicas convencionais sobre as cidades. Lógica que parece bastante persuasiva, ou seja, processos rápidos de industrialização e urbanização, movimentos migratórios, concentração de massas nas periferias dos grandes centros urbanos, sob condições de acentuada miséria e forte pobreza, expostas a comportamentos e aspirações mais elevadas conduzem a atos de violência.

Nessa direção, Lima e Ximenes (1998), numa pesquisa realizada na capital de Pernambuco (Recife), afirmam que a acentuação das desigualdades nas condições de vida pode estar contribuindo para o aumento da violência, como um todo e em especial em relação aos homicídios.

III. TERRITORIALIDADES DA CRIMINALIDADE VIOLENTA EM ITABUNA

O crescimento urbano desordenado de Itabuna conduziu a população pobre para moradias segregadas, degradadas, sem condições de sobrevivência, em loteamentos clandestinos, os quais posteriormente foram transformados em bairros, que herdaram a falta de estrutura básica, tais como: saneamento, calçamento, iluminação pública e falta de objetos e equipamentos urbanos (parques, praças, quadras poliesportivas, escolas, creches etc), uma realidade das médias e grandes cidades brasileiras. Todavia em Itabuna, há outro ingrediente,

pois, com a decadência da monocultura do cacau, a Cidade vem crescendo em detrimento da perda de habitantes de cidades de sua hinterlândia, conforme aponta o IBGE (2007).

Uma constante no mundo todo é que os protagonistas da violência e da criminalidade, tanto os autores quanto às vítimas, são jovens do sexo masculino, pois na verdade todo jovem dessa sociedade de consumo busca o pertencimento, quer ser reconhecido, portanto, acaba exacerbando esse querer, o que por certo os leva a comportamento de risco. Esta pesquisa mostra que no período de cinco anos, os casos de homicídios dolosos em Itabuna, 92% ocorreram contra pessoas do sexo masculino e apenas 8% ocorreram contra pessoas do sexo feminino.

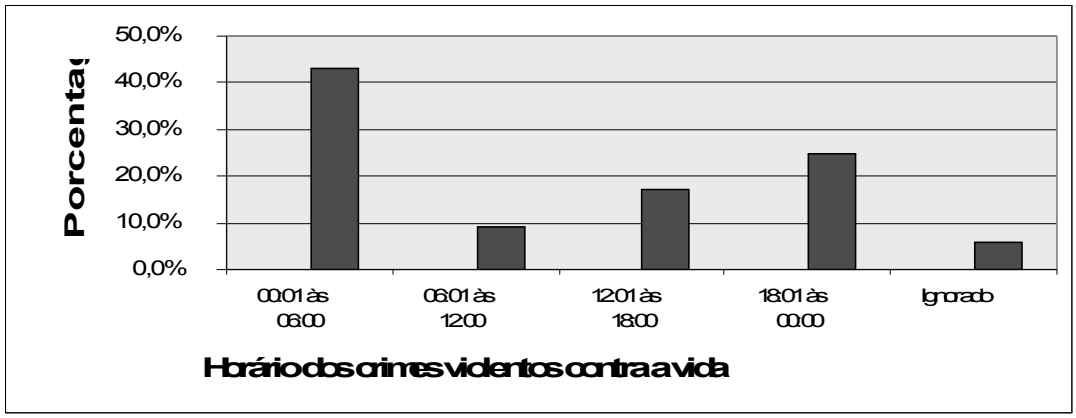

Figura 02: Sub-Região de Itabuna: horário de ocorrência dos crimes violentos contra a vida, 2003 - 2007.
Fonte: CEDEP 6ª COORPIN
Elaboração: SILVA, R. J.

O horário das ocorrências de crimes contra a vida na Sub-Região em destaque, incide em 43% dos casos entre às 00 h 01min e seis da manhã e outros 25% ocorreram entre às 18h 01min e 00 hora. Portanto, pode-se perceber que num total de 68% desses crimes aconteceram durante a noite, sem a luz solar, pois um criminoso contumaz planeja um ato desse, o faz levando em conta a certeza da impunidade, e, por certo a noite dificultará sua identificação.

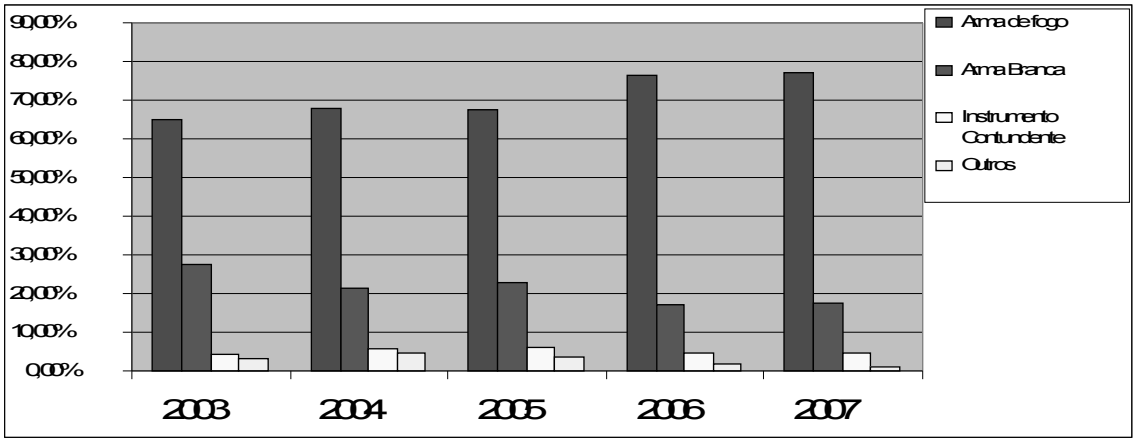

Figura 03: Sub-Região de Itabuna: meio empregado para o cometimento de crimes violentos contra a vida, 2003 - 2007.
Fonte: CEDEP 6ª COORPIN
Elaboração: SILVA, R. J.

Em cerca de 70,82% das pessoas vitimadas na região, o meio empregado para o cometimento do crime, foi arma de fogo, que, na verdade, trata-se de um predicado das execuções perpetradas no mundo do narcotráfico. Assim, a tendência verificada no período foi de redução da participação da arma branca e de instrumentos contundentes (Figura 05).

Este fato evidencia a facilidade que se tem em adquirir uma arma de fogo em todo o Brasil e em matar usando esse tipo de arma.

As autoridades policiais (delegados de Polícia) entrevistadas foram unânimes em estabelecer a relação entre violência, drogas ilícitas e desemprego na região. Normalmente, os usuários de drogas ilícitas são os principais autores e vítimas, principalmente de crimes contra a vida, estes por sua vez são jovens e adolescentes e possuem baixo ou nenhum nível de escolaridade e quando praticam os crimes contra o patrimônio alegam ser para suprir a alimentação básica e o sustento do uso de drogas, pois normalmente estão desempregados.

A violência criminal na região cacaueira aumentou muito a partir da década de oitenta, fato que está relacionado ao desemprego por causa da queda da monocultura do cacau, que provocou o aumento do êxodo rural, fenômeno este verificado em todo país nas últimas décadas. As fazendas tinham como principal atividade econômica a cacauicultura, que empregava muita mão-de-obra, a qual estava concentrada na zona rural e acabou uma parte migrando para as cidades (inchando as periferias, que hoje é infinitamente maior que na década de oitenta) e outra parte saído da região cacaueira e se estabelecendo em outras regiões do Estado da Bahia e do país.

3.1 Vítimas e autores de crimes violentos contra a vida: uma caracterização socioeconômica

O perfil socioeconômico das vítimas e autores de homicídios dolosos está relacionado à pobreza e à exclusão social. Essas pessoas pertencem em sua maioria ao mesmo bairro, de característica periférica e de moradias precárias. Por outro lado, 44,7% dos autores desse tipo de crime têm como profissão "Serviços Gerais", ou seja, não tem profissão definida por falta de qualificação, tendo por característica ser atividades de baixíssima remuneração, fato que é facilmente observado nos outros perfis.

Uma parcela significativa desse quadro, ou seja, que 23,9% dos criminosos tiveram suas profissões ignoradas. Isso explicita que essa parcela está relacionada diretamente a crimes que não foram solucionados, em que os criminosos não foram identificados. Esse fator traduz-se em impunidade, que é sem dúvida motivante no cometimento de crimes, de qualquer natureza, pois um indivíduo seja ele criminoso comum ou de colarinho branco, com a certeza da impunidade, acreditará que o crime compensa.

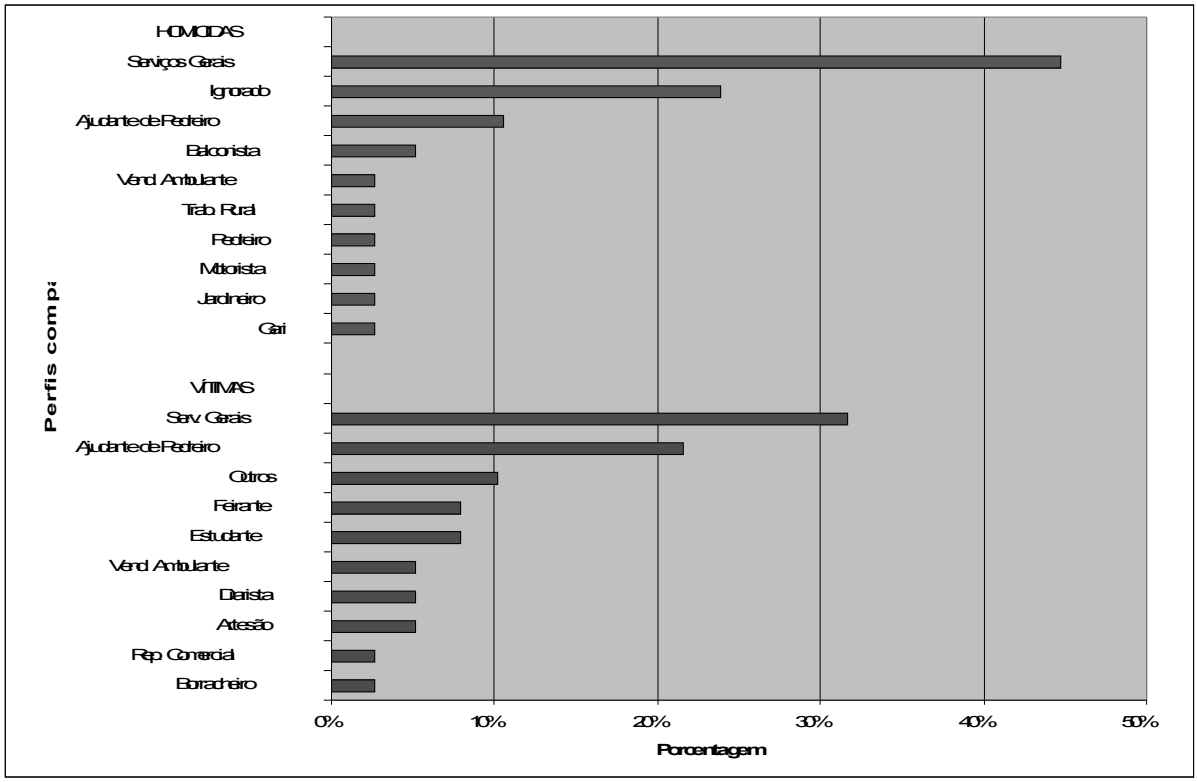

Figura 04: Itabuna: perfis comparativos profissional de homicidas e vítimas, 2003 – 2007.
Fonte: Pesquisa em inquéritos e/ou dossiês
Elaboração: SILVA, R. J.

As vítimas de homicídio doloso têm um perfil socioeconômico bastante similar a dos seus algozes, pois estão inseridos no mesmo contexto socioespacial, é de profissões subalternidade, de baixa qualificação e baixo ganho salarial.

No contexto da qualificação profissional das vítimas, nota-se que 50% delas têm apenas o primeiro grau, hoje chamado de ensino fundamental e apenas 7,8% das vítimas tinham cursado o antigo 2º Grau, atual ensino médio e nenhuma delas estavam no nível de ensino superior.

A leitura dos perfis socioeconômicos evidencia uma forte segregação socioespacial, bairros marcados pela ausência do Estado – onde dificilmente transitam viaturas policiais em rondas, até porque em algumas ruas o trânsito de veículos automotores é impedido por causa da má conservação ou da ausência de pavimentação.

3.2 As espacialidades dos crimes violentos contra a vida e sua relação com o tráfico de drogas

Recentemente veiculou-se em um jornal televisivo do Brasil, que naquele dia em Bagdá – Iraque, região em guerra declarada, nove pessoas foram assassinadas, vítimas de atentados de forças da chamada resistência iraquiana contra agentes invasores, fato que chocou todo o mundo. No Brasil, entretanto, a média diária de homicídios dolosos há muito tempo é de duzentas pessoas (IBGE, 2006) e isso não choca o país, ou pelo menos não é veiculado pela mídia nacional, dando o devido enfoque.

O fato é que em Itabuna não é diferente, lugar onde os fenômenos em escala nacional tomam forma, assim observa-se que ano de 2002 houve um total de 79 crimes violentos contra a vida, existindo aumentos consecutivos nos anos seguintes, (Figura 05). Do ano 2002 que teve 79 casos a 2008 que ocorreram 138 mortes violentas, existiu um aumento de 74,7% de pessoas ceifadas propositadamente, de um total de 812 mortes no período de sete anos.

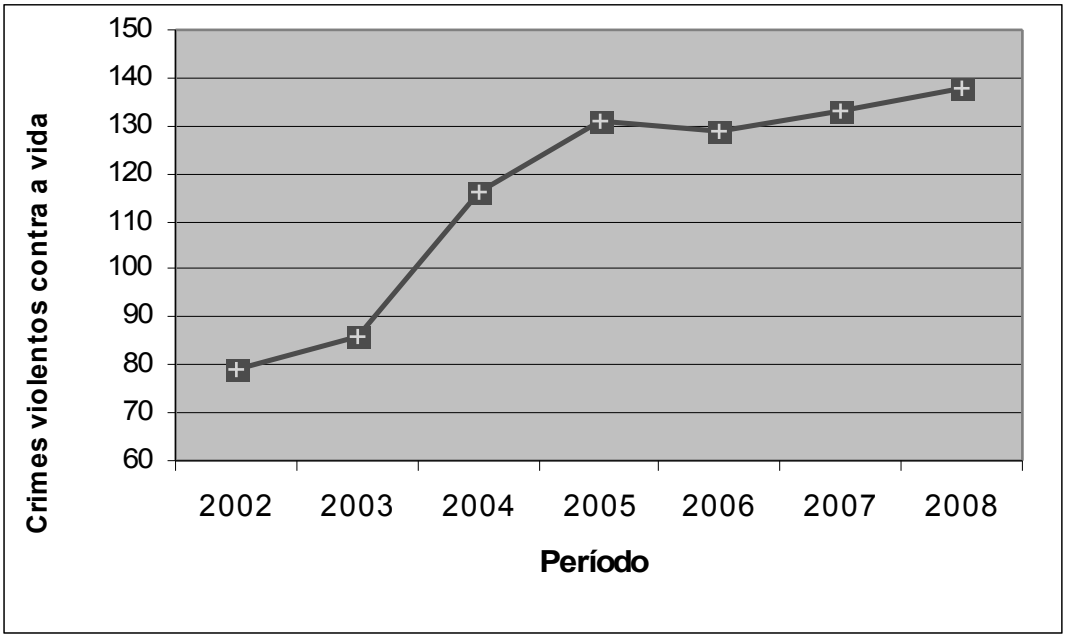

Figura 05: Itabuna: crimes violentos contra a vida, 2003 – 2008.
Fonte: CEDEP 6ª COORPIN
Elaboração: SILVA, R. J.

Segundo dados da Secretaria Nacional de Segurança Pública (2006) Itabuna e Ilhéus estão entre as cidades mais violentas do Brasil, do ponto de vista do homicídio doloso, ocupando respectivamente 16ª e 20ª posições, num *ranking* entre as 224 maiores cidades brasileiras (de médio e grande porte), dados relativos a 2005.

Na Bahia, os dados relativos aos anos 2004 e 2005, mostram que Itabuna foi líder em criminalidade violenta; nesse *ranking* os municípios com os menores índices de violência foram Vitória da Conquista, Feira de Santana, Barreiras e Jequié.

Fato preocupante para a sociedade grapiúna, pois se no ano de 2005 Itabuna ficou entre as principais cidades violentas do país, possivelmente nos anos seguintes continuará ocupando as primeiras posições, pois o número de vítimas só aumentou no mencionado período. Tendo como bairros mais violentos a Califórnia, Santos Antonio e São Caetano.

Os índices de homicídios em Itabuna continuaram a crescer drasticamente, pois grande parte desse número está diretamente relacionado ao uso e venda de entorpecente na malha urbana da cidade, principalmente nos bairros, como é o caso de Califórnia, Santo Antonio e São Caetano e seus bairros adjacentes, compondo três grandes áreas ou polígonos dominados por quadrilhas rivais do narcotráfico.

As vítimas desses crimes violentos normalmente tinham algum envolvimento com o tráfico de drogas, motivados por acerto de contas de venda de drogas; da divisão de produto

de furto ou roubo; invasão territórios dominados por traficantes rivais e também por "queima de arquivo", é o que se pode chamar de "guerra do tráfico de drogas".

Essa guerra é normalmente veiculada na imprensa nacional e até internacional, com destaque os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, porém Itabuna, uma das cidades mais violenta do país, não é diferente, onde grupos rivais do tráfico estabelecem verdadeiras territorialidades, no sentido da apropriação do espaço e do exercício do poder, para o controle das chamadas "bocas de fumo" – local onde se vende drogas.

Em todo o país as taxas de homicídios dolosos têm crescido e em Itabuna, tem relação com crescimento urbano desordenado, pois esses crimes ocorrem, em maior parte em bairros periféricos, que cresceram sem ordenação urbana. Atribuindo também a questões sociais que cruzadas com a insegurança e a impunidade desencadeiam a prática do crime. O aumento dos homicídios deu-se paralelo ao crescimento do consumo e conseqüente venda de "maconha" e "crack", drogas mais comercializadas nesta cidade. Então, para ter acesso à droga, o sujeito "furta, rouba, bate, mata e morre".

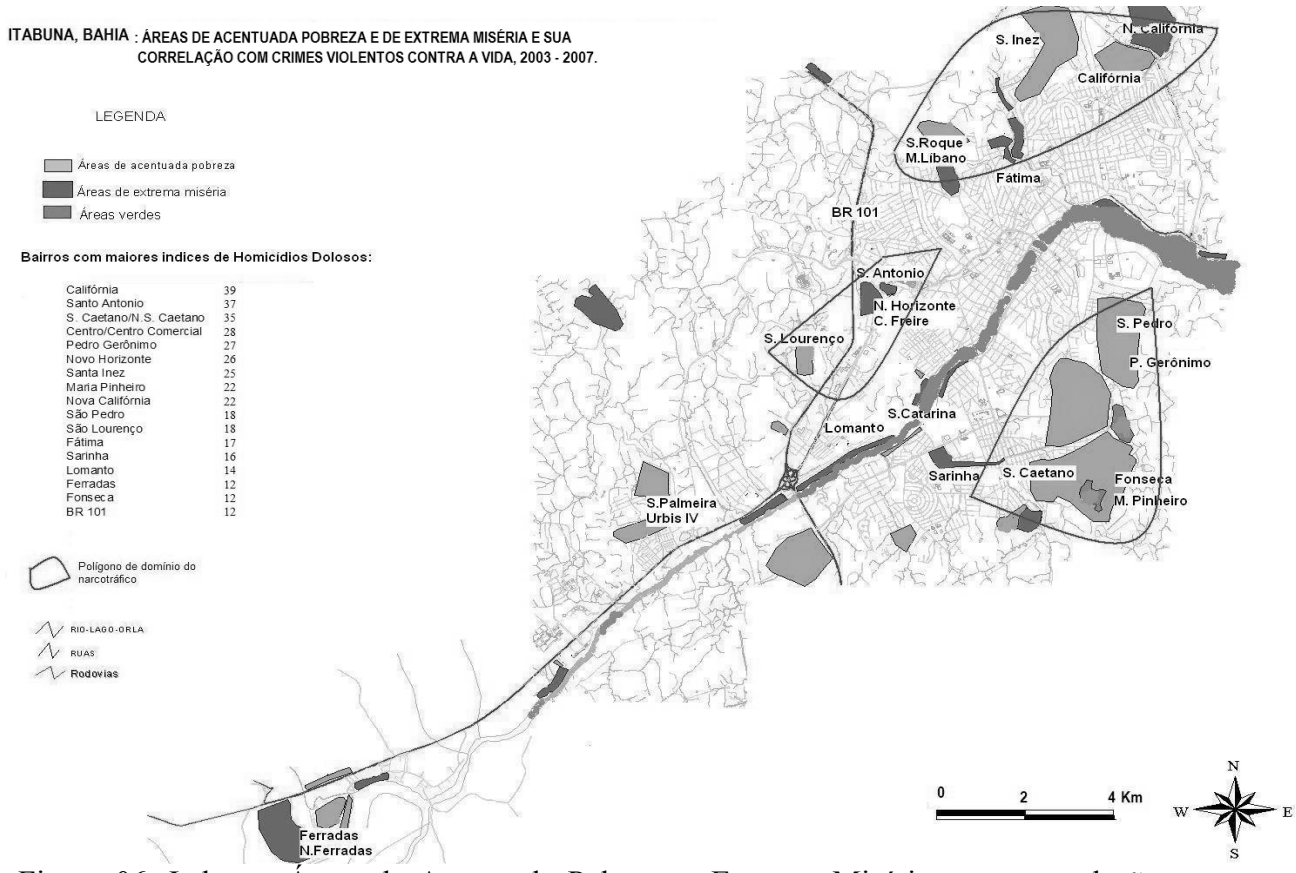

Figura 06: Itabuna: Áreas de Acentuada Pobreza e Extrema Miséria e sua correlação com crimes violentos contra a vida, 2003 - 2007.
FONTE: Grupo de Trabalho Comunidades Sustentáveis/UESC / CEDEP 6ª Coorpin/Pesquisa em Inquéritos.
Autor: SILVA, R. J.

Na cidade de Itabuna pode-se observar a existência de três pontos críticos, ou seja, áreas em que houve concentração de crime contra a vida, no período de 2003 a 2007. A primeira área localiza-se no extremo da zona norte da cidade, ou seja, nos bairros da Califórnia, Nova Califórnia e Santa Inez e São Roque; a segunda área na zona sudeste, envolvendo os Bairros Sarinha, São Caetano, São Pedro, Maria Pinheiro, Pedro Jerônimo e Fonseca e a terceira localiza-se na Zona Leste, o qual abarca os Bairros Santo Antonio, Novo Horizonte e São Lourenço. Essas áreas são dominadas pelo narcotráfico e totalmente carentes de infra-estrutura básica de urbanização.

A maconha (*Cannabis Sativa*) ocupa 63% dos entorpecentes apreendidos pela polícia (Militar e Civil) e o Crack (*Erythroxylon Coca*) 28,4%. O primeiro entorpecente ocupa essa condição pelo baixo preço de venda, variando de um a dois reais uma "trouxinha" de maconha, uma quantidade para fazer apenas um cigarro pequeno de maconha, porém o segundo entorpecente, subproduto da cocaína, é extremamente caro, sendo vendida uma quantidade aproximadamente menor um pouco que um comprimido de "Anador", por dez reais em média, em Itabuna.

O aumento crescente crimes violentos contra a vida em Itabuna, na maioria dos casos, houve uma relação direta com o narcótico - seja pelo uso ou tráfico, por causa de dívidas, acertos de contas e guerras territoriais do tráfico. Esse submundo das drogas é também campo de atuação de adolescentes, os quais entram cada vez mais precoce, normalmente a partir dos 13 anos. Esses adolescentes, em sua maioria, são oriundos de famílias pobres da periferia itabunense, têm escolaridade muito baixa e normalmente evadem da escola com pouco tempo de envolvimento no referido submundo.

Normalmente a "boca de fumo" está localizada em logradouros públicos, para dificultar seu combate, pois pode mudar de um lugar para outro para preservar os interesses do narcotráfico. Essas áreas em destaque, na figura abaixo, representam locais onde foram feitas prisões e apreensões de drogas pela Polícia Militar e Civil, são espaços que concentram as denominadas "bocas de fumo" na Cidade de Itabuna, onde por sua vez há também o domínio territorial de quadrilhas de traficantes de drogas no varejo, exercido com ameaças e violência, daí, as freqüentes mortes violentas nessas áreas.

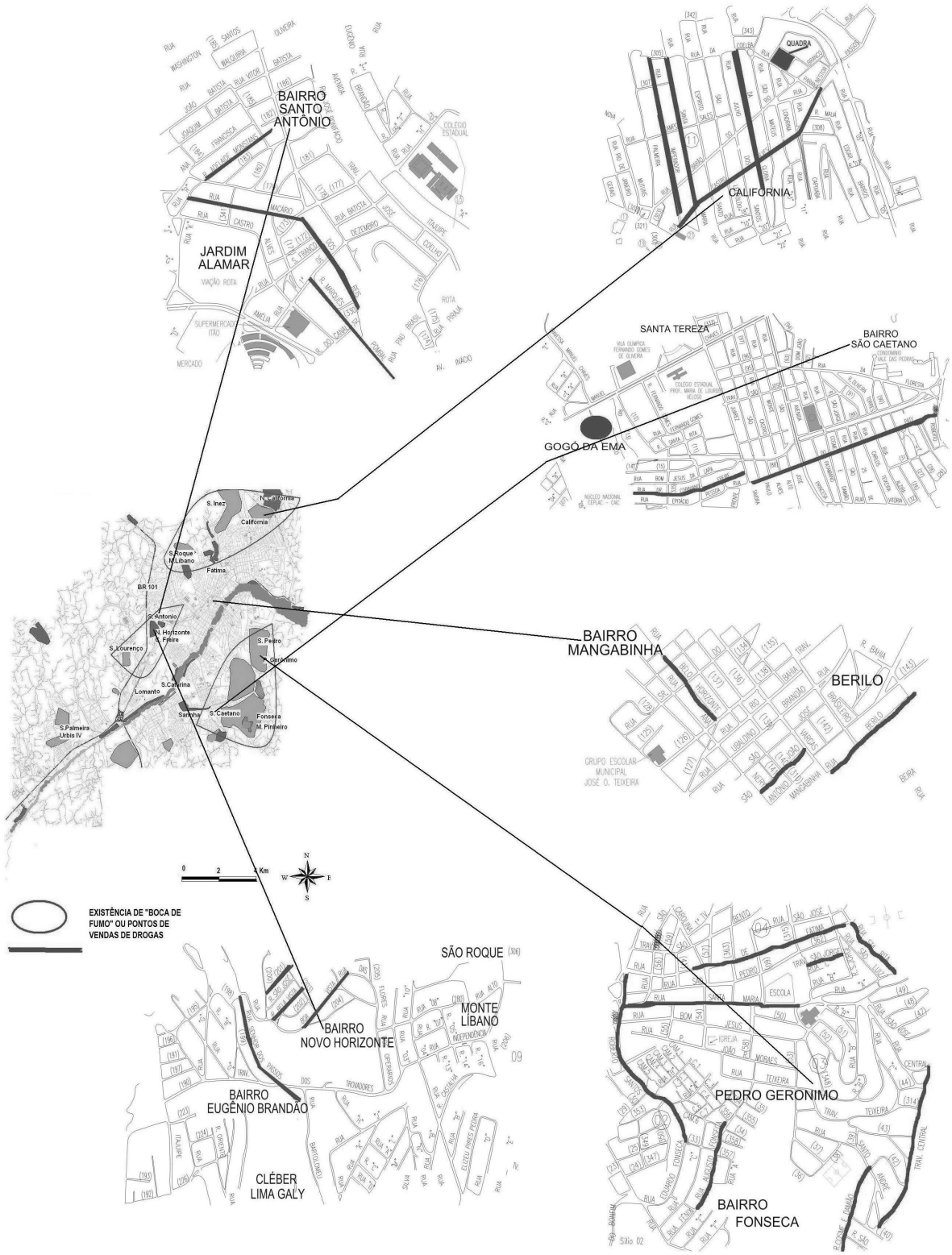

Figura 07: Itabuna: localização de "Pontos de venda de drogas", 2003-2007.
Fonte: Inquéritos e/ ou dossiês (Pesquisa de Campo)
Elaboração: SILVA, R. J.

Dessa forma, é importe ressaltar que espaço é anterior ao território, como afirma Raffestin (1993), uma vez que o território se forma a partir do espaço e é o resultado de uma ação conduzida por um ator, que realiza um programa, de apropriação (em qualquer nível ou

escala), concreta ou abstratamente, esse ator territorializa o espaço, passando a exercer sobre ele relações de poder e sua territorialidade como estratégia utilizada para delimitar e afirmar o controle sobre uma área geográfica, para estabelecer, manter e reforçar esse poder (GOMES, 1995), pois o poder é relacional e está intrínseco em todas as relações sociais.

Para Haesbaert (2004), há na verdade uma multiterritorialidade, que é fruto de um processo dialético e contínuo de desterritorialização e reterritorialização, acontecendo concomitantemente, assim há uma organização territorial cujas características principais são os múltiplos territórios, de natureza funcional e simbólica, material e virtual com articulação simultâneo-sucessiva entre ambos. Assim, o território se torna mais complexo, mais híbrido e flexível, onde ao mesmo tempo em que um agente deixar de exercer poder em determinado espaço, esse poder passa a ser exercido por outro agente.

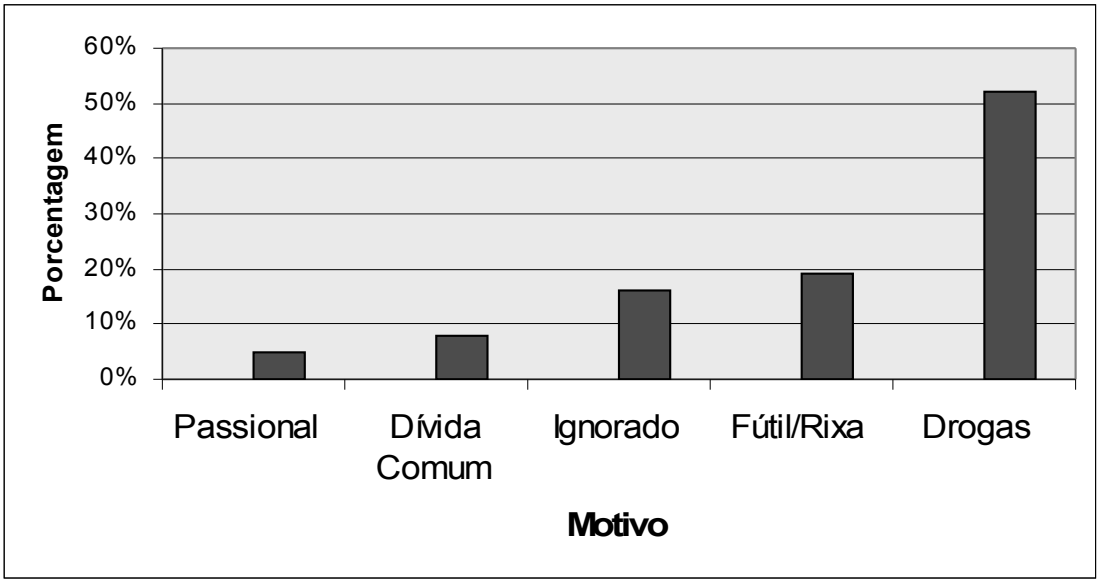

Figura 08: Itabuna: motivos no cometimento de homicídio doloso e lesão corporal seguida de morte, 2003 - 2007.
Fonte: Pesquisa em Inquéritos e/ou Dossiês de Inquéritos
Elaboração: SILVA, R. J

O envolvimento de 52% das vítimas fatais no submundo do tráfico de drogas foi o principal motivo por sua eliminação por esse poder paralelo, pois as vicissitudes ocorridas são resolvidas pelo poder do mais forte, ou seja, a lógica do "ferro e do fumo", isto é, do poder de logística do traficante, por deter armas (ferro) e fumo (drogas). Essa cultura da violência impõe regras de convivência para todas as relações, pois quando as leis e punições não funcionam, passa-se a legislar pelas próprias regras, que são assinaladas pela lógica acima nominada.

Esse percentual deveria preocupar as autoridades constituídas, no sentido de propor políticas eficazes objetivando estancar esse "genocídio". Esse número fica extremamente

grave quando analisado friamente, observa-se 16% dos casos tem ou causa ignorada, então no mundo da amostragem das causas determinadas o envolvimento com o narcotráfico sobe para 62%.

Dessa forma, considera-se que os dados ora analisados mostram a relevância dos modos de apropriação do espaço urbano como categoria geográfica para elaborar políticas públicas que enfrentem o problema da criminalidade de homicídio doloso vinculada ao tráfico de drogas.

3.3 Violência criminal e o medo: a auto-segregação espacial

Nesse ambiente tão hostil e segregado a sociedade, por medo e para se proteger da violência criminal, cada vez mais crescente, tem transformado a paisagem arquitetônica das cidades mais violentas, num fenômeno que os geógrafos e arquitetos chamam de arquitetura da violência e/ou de arquitetura do medo. Ferraz (2001).

Esse processo evidencia o medo crescente e estratégias utilizadas para a proteção e a segurança e expõe também o *glamour* que parecem simbolizar um estilo medieval de morar (muros altos, grades, cercas elétricas – um verdadeiro castelo medieval) com uma apropriação de elementos de estilos pretéritos. Assim, num caminhar pelas cidades brasileiras, será de fácil percepção uma paisagem contornada por muros, grades, que margeiam quase todas as suas ruas, coroadas e decoradas pelas lanças pontiagudas. Esse padrão da arquitetura do medo, também se apresenta, ainda que de forma diferenciada em bairros carentes ou pobres da cidade, onde se observam casas com muros com cacos de vidro ou pelas "unhas" metálicas como paliçadas, cercas com arames, cerca elétrica padronizada e até uma espécie de cerca elétrica improvisada, grades de ferro em portas e janelas, entre outros aparatos, o uso de cão de guarda.

Para Caldeira (2000), a violência e o medo combinam-se a processos de mudança social nas cidades contemporâneas, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social. Realidade vivida em grandes cidades e regiões no mundo. As cidades brasileiras não fogem a esse fenômeno, onde as classes mais abastadas têm usado o medo da violência e do crime para justificar tanto novas tecnologias de exclusão social quando sua retirada dos bairros tradicionais, para se refugiar em enclaves fortificados, os chamados condomínios residências, mas há enclaves também para o lazer, o consumo e o trabalho (os

clubes sociais, *shopping centers* e os condomínios empresariais). Tratam-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. Sua principal justificação é o medo do crime violento. Assim, esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os marginalizados e os sem-teto.

Dessa forma, por causa do medo dos crimes contra o patrimônio ocorridos na área central de Itabuna, local de grande movimentação financeira, com diversos bancos, lojas diversas, lanchonetes, clínicas etc, foi implantado o projeto de vídeomonitoramento, visando a partir da vigilância constante, coibir essa prática criminosa. Este projeto, na ótica do Comandante da PM em Itabuna, foi extremamente positivo na sensação de segurança o que também ajudou na dinâmica e rapidez do policiamento preventivo, vez que o crimino ao saber que está sendo filmado e visto por policiais e por conseqüência caso haja, a probabilidade de prisão é grande, então o efeito foi dissuasório nessa área, entretanto, houve uma de migração desse tipo de crime para outras áreas da cidade, onde não há o vídeomonitoramento.

O medo de ser vítima de ladrões ou bandidos em busca de objetos de valor no interior de suas residências tem transformado as residências em verdadeiros fortes ou castelos, pode também ser visto em bairros da classe de baixa renda, entretanto o que fustiga é o fato do órgão que atua na defesa do patrimônio da sociedade, também precisar utilizar desses artefatos para se proteger, como por exemplo, o uso de grandes de ferro, como ocorre nos prédios da Polícia Militar (Figura 09).

Figura 09: Companhia de Polícia Comunitária e o Plantão Central de Polícia Civil de Itabuna
Foto: SILVA, R. J (Pesquisa de Campo)

A fotografia da direita é do prédio da Companhia de Polícia Comunitária do Bairro Conceição, no qual se observa uma porta de vidro temperado blindex, devidamente protegido por um portão de ferro e a segunda fotografia refere-se à Companhia de Polícia Comunitária no bairro Califórnia, um dos bairros mais violentos de Itabuna. Esse padrão do medo é um

verdadeiro paradoxo quando ocorre com alguma instituição do sistema de Segurança Pública, entretanto, no Complexo Policial de Itabuna, local onde abriga as principais Delegacias de Polícia Civil, encontra-se todo gradeado.

Então, fica evidente a transformação espacial pelo medo, inclusive em instituições que deveriam prover a sociedade de segurança e lutar no combate a criminalidade, precisar se proteger de eventuais salteadores. Assim, o medo de ser vitimizado vai mudando a arquitetura e ditando a valorização ou desvalorização de áreas dentro de uma cidade. Em Itabuna, ano após ano, vem se transformando em uma cidade violenta, e o poder público efetivamente pouco tem feito, para diminuir ou ao menos deixá-la a índices aceitáveis, pois a violência é algo afeto a qualquer sociedade, a qual, de certa forma, evolui nesse contexto social, segundo afirmou o sociólogo Emile Durkheim (1983), assim, mas faz-se necessário que, pelo menos, os índices sejam aceitáveis.

Afirma Souza (2005) que a auto-segregação não passa de uma pseudo solução *escapista*, uma vez que as tensões vão se avolumando à medida que os problemas sociais de base, alimentadores de problemas urbanos como a pobreza e a segregação, e influenciadores das estratégias ilegais de sobrevivência, não são resolvidos ou mesmo se agravam. Dessa forma, os conflitos de interesse não se desenrolam como luta de classe, uma vez que essa violência possui um fortíssimo componente de desordem despolitizada e, geralmente, os próprios pobres, por se protegerem menos, são as maiores vítimas da criminalidade violenta. É o que Souza (2008) chama de fobópole, a sociedade citadina dominada pelo medo da criminalidade violenta.

No ambiente de violência criminal desta cidade sugere de fato sensação insegurança em toda população, provocando desconforto, temor, assim um dos grandes problemas enfrentados é com uma parte dos usuários de drogas, os quais via de regra, quando não têm dinheiro passam a praticar pequenos furtos e evoluem para roubos, para sustentar o vício.

Dessa forma, fica explícito que o tráfico de drogas fomenta outros crimes, pois traficantes com o dinheiro arrecadado da venda das drogas adquirem armas de fogo num primeiro momento para impor o medo a população e seus clientes (usuários, “aviões”), num segundo momento, mas concomitante, vai exercendo poder e construindo territórios, onde esses atores por força das armas impõem sua vontade hegemônica territorializando, se apropriando de áreas dentro da cidade, às vezes até, resistindo a forças do Estado Democrático de Direito, tornando-se um poder paralelo.

CONCLUSÃO

Pesquisas sobre criminalidade violenta apresentam certas problemáticas, ou seja, as estatísticas registram apenas uma fração do crime total, sendo subnotificados. De um lado, pessoas que praticam atos criminosos conseguem, às vezes, escondê-los, de outro, muitas pessoas que são vítimas não apresentam queixas, entretanto, ainda assim, há uma realidade notificada. Mas, quando se trata de crimes violentos contra a vida, com resultado morte, essa distorção cai consideravelmente, pois dificilmente alguém consegue ocultar um cadáver por muito tempo. Dessa forma, há um retrato que se aproxima da fidelidade, enquanto fenômeno socioespacial.

Esse é o contexto que se percebe em Itabuna, a qual se configura com três grandes áreas ou polígonos dominados territorialmente por quadrilhas, onde ocorre o maior índice de mortes violentas. Essas áreas têm em comum, o forte aspecto de exclusão social, com extrema miséria e acentuada pobreza, o surgimento de forma desordenada e a ausência de equipamentos urbanos.

Os resultados da análise de relação da taxa de criminalidade violenta contra a vida com os indicadores sociais pesquisados mostraram que há relação estreita entre as vítimas e os autores desse crime, normalmente pertencente ao mesmo espaço dentro do município, cujos perfis socioeconômicos têm como características os baixos índices de qualidade de vida e a alarmante situação de exclusão social. Isso contribui de forma permanente para que a solução destes problemas esteja associada à urgência de uma política de desenvolvimento sociocultural, acompanhada de emprego e distribuição eqüitativa de renda.

Políticas de repressão com a presença massiva e hábil da polícia/justiça são importantes, entretanto, a prevenção à criminalidade deve ser privilegiada, com ações que enfoquem os fatores sociais, culturais, psicológicos e ambientais, tais como de renda mínima, de emprego, de inclusão social, de inclusão escolar, de saúde pública, e políticas de revitalização de espaços públicos, com atenção prioritária para as três áreas de forte aspecto de exclusão social e incidência de crimes violentos contra a vida.

Constatou-se em Itabuna um progressivo enclausuramento da sociedade, a qual por medo da violência criminal, vai se cercando de muros, modificando a arquitetura de seus lares, o que por certo vai impactando a paisagem citadina, seja nos espaços centrais, peri-centrais ou periféricos, até por que, estes últimos são cenários para construções de condomínios exclusivos de luxo. Assim, as pessoas começam a se proteger, numa inversão de

valores, ficando por trás de grades de ferro que dão uma falsa sensação de segurança em seus lares.

Dessa forma, considera-se que além de políticas sociais e públicas compensatórias para baixar os índices de criminalidade violenta, ou deixá-los, em níveis aceitáveis, é preciso que os governos, nas três esferas, dentro de suas obrigações constitucionais, combatam o uso e tráfico de drogas, nas escalas nacional, estadual e regional, pois, além de ser um problema de saúde pública é também um problema policial, uma vez que o tráfico de drogas fomenta outros tipos de crimes. É preciso ainda, reduzir a oferta com ações através da prevenção e a demanda de drogas através do combate ao cultivo, produção, distribuição e também do combate a lavagem de ativos, este com apoio de organismos internacionais.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, S.H.H. DE. As raízes da violência e da criminalidade. In: VELLOSO, J.P.R. (Org.) *Governabilidade, sistema político e violência urbana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. (Fórum Nacional, n. 6).

ANDRADE, M.P; ROCHA, L.B. *De Tabocas A Itabuna:* Um estudo histórico-geográfico. Ilhéus: Editus, 2005.

CALDEIRA, T.P. do R. *Cidades de muros***:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução: MONTEIRO, H.; DE OLIVEIRA, F. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANO, I.; SANTOS, N. *Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil*. 7 Letras. Rio de Janeiro, 2001.

CASTEL, R. *As Metamorfoses da Questão Social*: uma crônica do salário, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

COELHO, E. C. *A Criminalização da Marginalidade e a Marginalização da Criminalidade***.** *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro. 1978.

COHEN, J. et al. *The role of drug markets and gangs in local homicide rates***:** homicide studies, vol. 2, n. 03, 1998.

DEMO, P. *Charme da exclusão social*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. In: *Durkheim*. 2 ed. Trad. Margarida Garrido Esteves. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

FERRAZ, S. M. T. *Arquitetura da violência***:** morar com medo nas cidades. Quem tem medo de que e de quem nas cidades brasileiras contemporâneas?. 11º Seminário de Iniciação Científica da UFF/CNPq. Rio de Janeiro: FAPERJ, nov. 2001.

GOMES, P. C. da C**.** O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. *Geografia:* conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

HAESBAERT, R**.** *O mito da desterritorialização*: do fim dos territórios à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____ . *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE. Contagem Populacional 2007: Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. (Contagem Populacional). Disponível em: <http:www.ibge.gov.br/censo2007.htm>. Acesso em 01. Out. 2008.
_____**.** Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

LIMA, M.L.C.; XIMENES, R. *Violência e morte:* diferenciais da mortalidade por causas externas no espaço urbano do Recife. Salvador: Caderno de Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia (UFBA), 1998.

PAIXÃO, A.L. *Crime, controle social e a cultura oficial da sociologia*: Sociedade e Estado. Vol. X, n. 2, Rio de Janeiro, 1995.

PARKER, R. N. *Poverty, subculture of violence, and type of homicide:* s*ocial forces*. Vol. 67, n. 04, North Carolina: University of North Carolina Press, 1989.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, M.H.R. (Org.) *Metamorfoses sociais e políticas urbanas*. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão.* 4. ed. São Paulo: Nobel, 1998. (Coleção Espaços).

SANTOS, M.; CARLOS, A. F. A. (Orgs). *Ensaio de Geografia contemporânea*. Obra revisada. São Paulo: Hucitec, 1996.

SECRETARIA NACIONAL DA SEGURANÇA PÚBLICA - SENAP. Mapa da Violência 2004-2005: Crimes violentos Letais e Intencionais. Brasília, DF, 2006.

SOUZA, M. L. de. *Fobópole:* O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
_____. *Problemas urbanos e conflitos sociais*. In: ABC do Desenvolvimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
_____. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática socioespacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

SILVA, K.A. *Tipologia dos Homicídios Consumados e Tentados***:** uma análise sociológica das denúncias oferecidas pelo Ministério Público de Minas Gerais, comarca de Belo Horizonte.

Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 2006.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência IV:* os jovens do Brasil, juventude, violência e cidadania. Brasília: UNESCO/Instituto Airton Sena, 2005.

WILLIAMS, K. R.; FLEWELLING, R. L. *The social production of criminal homicide***:** A comparative study of disaggregated rates in American cities. New York: American Sociological Review, vol. 53, n. 03, 1988.